

A ANÔNIMA *VISIO KAROLI MAGNI*: UMA TRADUÇÃO

The anonymous *Visio Karoli Magni*: a translation

Henrique Verri Fiebig
Doutor em Letras Clássicas (FFLCH/USP)
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3195-0626>
E-mail: hverri@gmail.com

Recebido em: 29/09/2023
Aprovado em: 01/10/2023

Resumo: Este artigo apresenta uma tradução anotada do texto convencionalmente chamado *Visio Karoli Magni*, de autoria anônima. Escrito em língua latina na França Carolíngia em meados do século IX, reconta uma visão que Carlos Magno, rei dos francos, teria tido em sonho, na qual recebia uma espada em cuja lâmina estavam inscritas quatro palavras misteriosas: *raht*, *radoleiba*, *nasg* e *enti*. Soma-se à tradução uma introdução em que alguns aspectos gerais do texto são discutidos.

Palavras-chave: Literatura Latina Alto-Medieval; Literatura Carolíngia; Tradução.

Abstract: This paper presents an annotated Portuguese translation of the text conventionally titled *Visio Karoli Magni*, by an anonymous author. Written in Latin in Carolingian Francia in the mid-9th century, it recounts a vision that Charlemagne, King of the Franks, purportedly had in a dream, in which he received a sword with four mysterious words carved into the blade: *raht*, *radoleiba*, *nasg*, and *enti*. An introduction, discussing general aspects of the text, precedes the translation.

Keywords: Early Medieval Latin Literature; Carolingian Literature; Translation.

Introdução

A França Carolíngia testemunhou, no decorrer do século IX, o aparecimento de diversos textos de matéria onírica e visionária: escritos em língua latina, seriam fruto do trabalho consciente de monges e clérigos que buscavam dar vazão, através do relato de supostos sonhos e visões divinamente inspirados, a certas ansiedades políticas daquele período, ocasionadas, entre outras coisas, por conflitos dinásticos, abusos de poder e violações dos interesses da Igreja (Dutton, 1994 apud Smith, 1996: 715-6).

Uma das obras pertencentes a esse *corpus* é a chamada *Visio Karoli Magni*, de autoria anônima. Possivelmente redigida por um clérigo ligado à Igreja de São Martinho, em Mainz, durante o reinado de Luís, o Germânico, em meados da década de 860 (Geary, 1994: 52-3), relata visão que teria aparecido em sonho a Carlos Magno. Nela, o outrora rei dos francos e imperador romano-germânico recebe de uma *persona* uma espada dita presente de Deus, em cuja lâmina havia quatro palavras gravadas: primeiro *raht*, rente à empunhadura; depois, *radoleiba* e *nasg*; e, por fim, *enti*, junto à ponta.

Na manhã seguinte, após levantar-se, o rei recorre aos seus conselheiros para que lhe ajudem a interpretar seu sonho e as palavras inscritas na lâmina; Eginardo, o mais sábio dentre eles, argumenta que aquele que lhe concedera a espada – ou seja, Deus – seria o responsável por revelar seu sentido. Dito isso, Carlos Magno busca explicá-lo desta maneira: a espada representaria o poder que ele recebera de Deus e pelo qual subjugara seus inimigos; *raht*, a abundância que gozara em todas as coisas; *radoleiba*, o tempo de seus filhos, quando alguns dos povos então subjugados seriam perdidos e a abundância não seria já a mesma; *nasg*, a época de seus netos, na qual viajantes e a Igreja seriam despojados e oprimidos em prol da ganância; e *enti*, o fim de sua linhagem ou mesmo o fim do mundo.

Consta que Eginardo teria narrado o episódio a Rábano Mauro, que o contou, por sua vez, a outras tantas pessoas após se tornar arcebispo de Mainz; entre essas estaria o próprio autor da *Visio*, que aponta, ao final do texto, que os fatos se sucederam tal como foram preditos no sonho de Carlos Magno: na época de seu filho Luís, o Pio, bretões e eslavos se rebelaram e o reino empobrecera; após a morte deste, seus filhos Lotário, Pepino e Luís, o Germânico espalharam *nasg*, pois que Lotário espoliava monastérios na Itália e Pepino, na Aquitânia, o que levou os bispos de toda a Igreja Romana a enviarem uma carta a Luís, via Witgar, bispo de Augsburgo, questionando como a Igreja poderia

ter paz. Essa carta, diz o autor, podia ainda ser encontrada nos arquivos da Igreja de São Martinho.

A menção à má conduta de Lotário e Pepino e ao pedido de ajuda da Igreja endereçado a Luís, o Germânico, parece sustentar a tese de Geary (1994: 56), que sugere ser a *Visio Karoli Magni* uma peça de propaganda literária do reinado de Luís, o Germânico, transmitida oralmente pela aristocracia da França Oriental até ser escrita na década de 860, e cujo propósito seria glorificar o rei dos francos orientais enquanto defensor da Igreja em detrimento de seus irmãos.

Mas, ao mesmo tempo em que se insere no *corpus* da literatura visionária de cunho político do período carolíngio, a *visio* teria suas especificidades quando comparada a outras *visiones*; com efeito, o mesmo Geary (1994: 50) considera-a “uma visão a mais incomum, que escapou à atenção dos estudiosos que examinam a literatura medieval visionária”. Sua peculiaridade residiria no fato de que

a Visio Karoli Magni reflete apenas um momento em uma tradição visionária longa, complexa e em constante mudança. Embora modificada e codificada a fins de propaganda nos anos 860, ela contém evidência interna de estágios e formas muito mais complexas. Primeiramente, contém elementos da tradição de visões familiares, através das quais são articuladas as obrigações que unem as gerações passadas, presente e futuras das estirpes reais. Em segundo lugar, pertence a uma tradição antiga de visões legitimadoras, nas quais uma arma mágica e bárbara, a espada, é transmitida a um poderoso líder por um predecessor no mundo dos mortos como sinal de seu direito de sucessão (Geary, 1994: 73, tradução nossa).

Dessa maneira, mais do que à cultura visionária cristã do medievo, essa tradição de visões familiares e legitimadoras em que uma figura ancestral transmite em sonho uma arma estaria relacionada a um legado germânico, pagão e oral, no qual “as espadas advêm do mundo dos mortos; elas têm nomes e poderes mágicos; são dadas pelos mortos ou por seres sobrenaturais, ou deles tomadas; sua posse outorga valor, e, portanto, autoridade, a quem as possui” (Geary, 1994: 67, tradução nossa).

De modo semelhante, Lecouteaux (1998: 867) conclui que

[o] conteúdo da visão é bastante inspirado por aquele dos sonhos germânicos tais como atestados pelas sagas escandinavas. O fato de que a pessoa (uidit quandam personam) que traz o gládio não é de modo algum especificada

sugere um modelo pagão: nas visões cristãs, tal missão pertence a um santo ou a um anjo, enquanto que na literatura vernácula setentrional nós estamos lidando com ancestrais mortos ou um gênio tutelar (fylgja). Tais espadas vêm sempre de outro mundo, elas são um sinal de eleição, e esse é, sem dúvida, o que levou o redator da visão a retomar essa tradição, já que se trata aqui de consolidar a autoridade real através de um signo tangível da proteção divina (tradução nossa).

Ora, é justamente esse signo, a espada, o elemento que mais tem chamado a atenção dos estudiosos do texto; mais precisamente, as quatro palavras em alto-alemão antigo inscritas em sua lâmina.

Karl Müllenhoff, em cujo conselho filológico se baseia a edição preparada por Jaffé (1867), propôs a seguinte explicação etimológica para os vocábulos: *raht* derivaria do alto-alemão antigo *Rat*, “*copia, facultas, opes*”, isto é, “abundância, recurso, riquezas”; *radoleiba*, do antigo saxão *radelêve*, “*hereditas utensilium*”, “herança de coisas úteis”; *nasg* estaria etimologicamente relacionada ao alemão moderno *naschen*, e significaria “*abliguritio*”, “consumir em banquete”; *enti* deve ser entendido, por suposto, como “*finis*”, “fim” (Jaffé, 1867: 702-3).

Mais recentemente, Lecouteaux (1998: 867) ofereceu interpretação bastante diferente para os vocábulos, na qual eles formariam uma frase que deve ser lida como *Nasg raht Radoleuba enti*, “*l’usurpation de biens (a apporté – ou apportera –) la mort à Radoleib*”, ou seja, “a usurpação de bens (trouxe, ou trará) a morte a Radoleib”. Radoleib, nome próprio de origem saxã, não seria alguém específico, mas fabricação feita com o propósito de criticar as ações dos filhos e netos de Carlos Magno, já que o parecer acerca da degradação das condições do Império advém, justamente, da interpretação dada ao termo, que teria sido propositalmente apresentado com um sentido equivocado (Lecouteaux, 1998: 869).

Sobre a tradução

Oferecemos, pela primeira vez em língua portuguesa, uma tradução da *Visio Karoli Magni*. Ela baseia-se na edição do texto latino estabelecido por Jaffé (1864) no quarto volume da *Bibliotheca rerum Germanorum*, a partir dos dois manuscritos que nos foram legados: o de Frankfurt, Stadt- und Universitätsbibliothek, MS Barth. 67 131r -

1323 (manuscrito A); e o de Paris, Bibliothèqu nationale, MS lat. 5016, fols. 159v - 160v (manuscrito B). Em sua maioria, as notas que acompanham nossa versão são de cunho histórico e biográfico e foram redigidas a partir de apontamentos encontrados em de Jong (2009) e Geary (1994). Esse último oferece também uma edição do texto latino, mas, para fins de reprodução, decidimos lançar mão daquela estabelecida pelo filólogo alemão, já em domínio público.

Estilisticamente, o texto latino é dotado de algumas particularidades, como, por exemplo, o uso repetido e em sequência de alguns vocábulos: o substantivo *memoria*, no primeiro parágrafo; a conjunção *cum*, no segundo parágrafo; o pronome *idem*, também no segundo parágrafo; entre outros. Por outro lado, o autor anônimo utiliza-se de três palavras diferentes para se referir à arma que aparece na visão: *gladium*, *mucro* e *ensis*. Procuramos reproduzir em português essas idiosincrasias do texto original tanto quanto possível.

Já os nomes próprios, os vertemos de acordo com suas formas mais comumente encontradas em língua portuguesa.

Tradução

Incipit visio domni Karoli regis
Francorum.

Começa a visão de Dom Carlos¹, Rei dos
Francos.

Karolus, imperator quondam Francorum
diversarumque gentium, ubicunque noctu
manebat, sive domi sive in expeditione,
lucernas et tabulas sibi contiguas habere
solitus erat; et quicquid vidit in somnis
memoria dignum, litteris tradere curavit,
ne a memoria labi potuisset.

Carlos, outrora imperador dos francos e de
diversas gentes, costumava ter, onde quer
que estivesse à noite, fosse em casa ou em
campanha, lamparinas e tábuas próximas
a si; e cuidava de registrar tudo o que via
em sonho que fosse digno de memória,
para que não pudesse escapar-lhe à
memória².

Quadam vero nocte, cum membra ad
quiescendum in lectulo collocasset ac se
sopori dedisset, vidit quandam personam

Certa noite, quando pôs os membros para
descansar em seu leito e entregou-se ao
sono profundo, viu uma figura³ vindo até

ad se venientem, evaginatam gladium in manu habentem. Quem cum metuens interrogasset, quis esset vel unde venisset, audivit ab eo in responsione huiusmodi verba: *Accipe inquit gladium istum pro munere tibi a Deo transmissum. Et scripturam in eo digestam lege et memoriter retine; quoniam statutis temporibus implebitur.* Quem cum accepisset formamque illius diligenter inspexisset, vidit quatuor loca in eodem litteris exarata. In primo quidem loco iuxta capulum eiusdem mucronis erat scriptum *.Raht.*; in secundo vero *.Radoleiba.*; in tercio *.Nasg.*; in quarto iuxta cuspidem eiusdem ensis *.Enti.* Evigilans vero, iussit sibi lucernam et tabulas afferri; et eadem verba eodem tenore conscripsit.

Mane autem facto, horis kanonicis iuxta morem decantatis et suis orationibus finitis, omnibus qui aderant optimatibus suis somnium, quod viderat, indicavit; et solutionem eius sibi ab eis exponi postulavit. Cumque omnes tacuissent, unus, qui sapientior caeteris dicebatur nomine Einhart, respondit: *Domine inquiens imperator, ille, qui vobis illum transmisit gladium, etiam interpretationem scripturae in eo exaratae, nobis tacentibus, vobis*

si, tendo à mão um gládio desembainhado. Quando perguntou, assustado, quem era e de onde vinha, ouviu dela, em resposta, palavras desta ordem: “Aceita”, disse, “por dádiva esse gládio a ti enviado por Deus; e a inscrição por ele distribuída lê e guarda na memória, pois que será cumprida ao devido tempo”. Quando o recebeu e inspecionou, cuidadosamente, a sua forma, viu no mesmo quatro locais gravados com letras. Com efeito, no primeiro local, estava inscrito próximo ao cabo dessa mesma espada, *Raht*; no segundo, de fato, *Radoleiba*; no terceiro, *Nasg*; no quarto, junto à ponta dessa mesma lâmina, *Enti*. De fato, ao acordar, ordenou que lhe trouxessem a lamparina e as tábuas, e arrolou essas mesmas palavras nessa mesma sequência.

Cedo pela manhã, cantadas as horas canônicas, como de costume, e terminadas suas orações, revelou aos seus fidalgos que lá estavam o sonho que tivera, e pediu que eles lhe expusessem a explicação deste. E quando todos se calaram, um que, dizia-se, era mais sábio que os outros, de nome Eginardo⁴, respondeu: “Senhor imperador”, disse, “aquele que vos enviou esse gládio também revelar-vos-á a interpretação da inscrição nele gravada, permanecendo nós calados”. E então o

revelabit. Tunc imperator: Si vultis inquit audire, prout nobis videtur, secundum possibilitatem ingenioli nostri significationem predictae insinuabimus vobis scripturae. Gladius, qui nobis a Deo transmissus est, potestas ab illo nobis collata non inconvenienter accipi potest; quoniam, auxilio illius freti, hostes plurimos armis nostrae subiectos habemus ditioni. Et quod modo, sedatis hostibus, plus quam parentum nostrorum temporibus ubertas frugum esse dinoscitur; quod significat prima in mucrone scriptura: .Raht., id est rerum omnium habundantia. Quod autem secundo loco exaratum erat .Radoleiba., arbitramur, nobis a seculo transeuntibus, filiorum nostrorum temporibus compleri; videlicet quod nec tanta frugum erit habundantia et quaedam gentes, modo subactae, deficient. Quod significat .Radoleiba. in omni re, quae cito deficiet. Cum autem et illi obierint et filii eorum post eos regnare ceperint, erit, quod tertio loco scriptum erat, .Nasg. Augebunt enim theloneum turpis lucri gratia, et advenas et peregrinos obpriment per potentiam; nullam habentes verecundiam, cum quali confusione et ignominia sibi congregent divitias. Res aecclesiasticas quoque, a nobis vel a progenitoribus nostris clericis et monachis ad servitium Dei traditas, sive

imperador disse: “Se quereis ouvir tal como nos parece, sugerir-vos-emos o significado da predita inscrição segundo a capacidade do nosso entendimento. O gládio que nos foi enviado por Deus não pode ser tomado senão como o poder a nós conferido por ele; pois que com sua ajuda subjugamos pelas armas muitíssimos inimigos ao nosso comando. E agora, amansados os inimigos, a fartura dos frutos é maior que no tempo de nossos pais; isso é o que significa a primeira inscrição na espada, *Raht*, isto é, a abundância de todas as coisas. Ora, julgamos que o que fora gravado no segundo local, *Radoleiba*, realizar-se-á no tempo de nossos filhos, passada a nossa época: a saber, a abundância dos frutos não será tamanha, e certas gentes, agora sujeitadas, debandarão. Isso é o que significa *Radoleiba*, o que logo em tudo faltará. Quando eles tiverem morrido e seus filhos passado a reinar depois deles, será o que fora inscrito no terceiro local, *Nasg*; aumentarão os impostos por causa do lucro torpe, e oprimirão estrangeiros e peregrinos pela força; não tendo modéstia alguma, acumulam para si riquezas com tal e qual confusão e ignomínia. Tomarão também as coisas da Igreja, confiadas por nós ou por nossos progenitores aos clérigos e monges a serviço de Deus, seja

minis sive blandimentis tollent suisque satellitibus more beneficii dabunt; quod significat .Nasg. Sed et hoc quod in cuspide eiusdem ensis scriptum erat .Enti., id est finis, duobus modis intellegi potest. Aut enim finis seculi tunc erit aut stirpis nostrae; scilicet quod nullus de progenie nostra deinceps in gente Francorum regnaturus sit.

Haec sicut ipse somniator interpretatus est, et Einhart abbas Rabano monacho, et idem Rabanus postea archiepiscopus multis narrare solebat; quorum unus ego sum, qui litteris commendavi.

Quorum quaedam prioribus, quaedam modernis completa sunt temporibus. Nam Ludowico imperatore post obitum Karoli regnante, Brittones et plurimae Sclavorum gentes defecerunt et rerum penuria regnum illius in nonnullis locis afflixit. Post cuius obitum filii eius Lotharius et Pippinus et Ludowicus per regnum sibi derelictum .Nasg. dilatare ceperunt. Nam Pippinus quanta monasteria spoliaverit in Aquitania et res aecclesiasticas ac utensilia clericorum et monachorum tulerit suisque satellitibus dederit, longum est enarrare. Lotharius quoque in Italia similia fecisse perhibetur. De qua re extat epistola temporibus filii sui ab universis

por meio de ameaças ou de agrados, e dá-las-ão aos seus seguidores à guisa de recompensa; isso é o que significa *Nasg*. Mas, e aquilo que fora inscrito na ponta dessa mesma lâmina, *Enti*, isto é, fim, pode ser entendido de dois modos: ou será o fim dos tempos ou de nossa estirpe; o que quer dizer que ninguém da nossa progênie reinará mais entre a gente dos francos”⁵.

Tal como o próprio sonhador interpretou-as, o abade Eginardo costumava narrá-las ao monge Rábano⁶, e o mesmo Rábano a muitos outros após se tornar arcebispo; um deles sou eu, que as confiei às letras.

Algumas dessas coisas realizaram-se em tempos idos; outras, nos de hoje. Pois quando Luís⁷ era o imperador reinante após a morte de Carlos, os bretões e muitíssimas gentes dos eslavos debandaram e a penúria afligiu seu reino em diversos locais. Após sua morte, seus filhos Lotário, Pepino e Luís⁸ passaram a espalhar *Nasg* por todo o reino por eles abandonado. Pois Pepino espoliava muitos mosteiros na Aquitânia, e tomava as coisas da Igreja e os utensílios de clérigos e monges e dava-os a seus seguidores – algo maçante de se narrar. Também é atribuído a Lotário ter feito coisas similares na Itália. Sobre isso existe

episcopis Romanae aecclesiae Ludowico regi Germanico destinata, sciscitanti per Witgarium episcopum, qualem pacem haberet sancta Romana aecclesia. Quae adhuc in armario Sancti Martini scripta continetur; in qua ei inter caetera responsum est: *Sancta Romana aecclesia suusque patronus et populus generaliter sauciatur, diripitur, discerpitur, humiliatur, adnichilatur.*

uma carta, dos tempos de seu próprio filho⁹, destinada ao rei Luís, o Germânico, pelo universo dos bispos da Igreja Romana, os quais perguntavam, através do bispo Witgar¹⁰, qual paz poderia ter a santa Igreja Romana. Esse escrito é até hoje mantido nos arquivos da Igreja de São Martinho¹¹; a ela poder-se-ia responder, entre outras coisas: “A santa Igreja Romana e seu patrono e povo estão sendo frequentemente feridos, roubados, mutilados, humilhados e aniquilados.”

Explicit v(isio) K(aroli).

Termina a visão de Carlos.

Referências

- DE JONG, Mayke. **The Penitential State: Authority and Atonement in the Age of Louis the Pious, 814-840**. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.
- DUTTON, Paul Edward. **The Politics of Dreaming in the Carolingian Empire**. Lincoln e Londres: University of Nebraska Press, 1994.
- GEARY, Patrick J. **With the Dead in the Middle Ages**. Ithaca e Londres: Cornell University Press, 1994.
- JAFFÉ, Philipp (ed.). **Bibliotheca rerum Germanorum: Monumenta Carolina**. 4. Berlim: Weidmann, 1867.
- LECOUTEUX, Claude. Sur quatre mots Énigmatiques de la *Visio Karoli*. In: FAUCON, J-C.; LABBÉ, A.; QUÉRUÉL, D. (eds.) **Miscellanea Mediaevalia – Mélanges offerts à Philippe Ménard**. 2. Paris: Champion, 1998, p. 865-868.
- SMITH, Julia M. G. Review of *The Politics of Dreaming in the Carolingian Empire* by Edward Dutton Paul. **The Journal of Ecclesiastical History** 47 (04), 1996, p. 715-7.

Notas

¹ Dom Carlos é, evidentemente, Carlos Magno (747 – 814), rei dos francos, dos lombardos e imperador romano-germânico, mais famoso membro da chamada dinastia carolíngia.

² O trecho assemelha-se ao relato encontrado na *Vita Karoli Magni* 25, 196, de Eginardo, que menciona que Carlos Magno "costumava manter tábuas e cadernetas em sua cama, sob o travesseiro, para que, quando houvesse tempo livre, acostumassem sua mão a representar as letras" ([...] *tabulasque et codicellos [...] in lecto sub cervicalibus circumferre solebat, ut, cum vacuum tempus esse, manum litteris effingendis adsuesceret*).

³ Decidimos traduzir o termo latino *persona* por “figura”, que julgamos transmitir em português certa indeterminação sobre a natureza da aparição onírica e que se faz presente no texto original.

⁴ Eginardo (c. 775 – 840), aristocrata das cortes de Carlos Magno e, depois, de Luís, o Pio, escreveu na década de 820 a *Vita Karoli Magni*, obra historiográfica acerca da vida de Carlos.

⁵ Para uma interpretação filológica das quatro palavras, ver nossa introdução ao texto acima.

⁶ Rábano Mauro (c. 780 – 856), oriundo de família aristocrática, tornou-se arcebispo de Mainz durante o reinado de Luís, o Germânico. Importante preceptor e escritor do período carolíngio, deixou trabalhos como a enciclopédia *De rerum naturis* e diversos hinos, entre outros.

⁷ Luís, o Pio (778 – 840), filho e herdeiro de Carlos Magno. Seu reinado testemunhou diversas revoltas de populações sob domínio, bem como três guerras civis. Em 817, promulgou um decreto que dividia o controle do império entre seus três filhos, Lotário, Pepino e Luís, o Germânico.

⁸ A *divisio imperii* promulgada por Luís, o Pio, partilhou o império da seguinte maneira: Lotário (795 – 855), seu filho mais velho, foi coroado co-imperador junto a seu pai e tinha direito sucessório à maior parte do território imperial; Pepino (797 – 838), o filho do meio, foi proclamado rei da Aquitânia; Luís, o Germânico (c. 806 – 876), filho mais novo, foi declarado rei da Baviera.

⁹ Aqui, “tempos de seu próprio filho” parece referir-se aos tempos de Luís, o Pio.

¹⁰ Witgar, bispo de Augsburg entre aproximadamente 858 e 887, pertenceu ao monastério beneditino de Ottebeuren. Foi, também, chanceler de Luís, o Germânico.

¹¹ A Igreja de São Martinho ficava na cidade de Mainz.